



Diário da Ilha¹

Quiséssemos encontrar, em Lindanor Celina, entre os muitos qualificativos a que faz jus, todos altamente positivos em relação ao seu talento e à sua arte, talvez o mais característico causasse susto aos estudiosos de literatura.

Pois o que Lindanor é, em sua essência de personalidade multifária e irradiante, é uma criatura andeja a quem os deuses gregos que, agora sabemos com certeza com esse *Diário da Ilha*, vieram à terra fazendo-a movimentar-se no tempo, fora do tempo, dentro do tempo, acima do tempo, atravessando mares e igarapés, ancorando por vezes numa praia, seja Ajuruteua ou Skyros, como uma estrela do mar, apenas para recolher as conchinhas com que tece, com a mesma arte imemorial das náiades, o seu colar de palavras-flores – rudes, espontâneas, inimitáveis.

Este *Diário da Ilha* não é um livro de crônicas, é um livro de segredos. Lindanor há tempos já os havia intuído, desde o período do Tribunal, mas, atraída por uma força encantatória que lhe soprou do Olimpo, foi parar na Grécia, berço de divindades que não morreram nunca: saíram das ilhas dos sonhos e misturaram-se entre os homens e,

¹ **Diário da Ilha.** Belém: Cejup, 1992

vez que outra, beijam silenciosamente a frente de algum mortal privilegiado e o marcam para a beleza e para a eternidade.

À Linda, transformaram eles num típico remanescente do *Homo Navigator*, fazendo-a começar o seu roteiro incrível e inacompanhável, como *a menina que vem de Itaiara*, arrastando consigo homens e coisas, e levando essa bagagem imensa no tempo-foi, descansando-a brevemente no tempo-é, durante as suas férias gregas, desde 1975, em dias que parecem breves mas são eternos. Não se deve ler o “Diário” como quem lê recontos e fatos reais: Lindanor sempre descreve sonhos. Sonhos encarnados, personagens de carne e osso mas fugidias, paisagens deslumbrantes ou aterrorizantes como os mares helênicos, sonhos, sempre sonhos, misturando-se à vida, porque a vida, quando bem vivida tem de ser um sonho de amor.

Desde a sua chegada a Skyros, naquele agora já longínquo 75, foi um casal de deuses que a salvaram da longa espera, uma deusa negra atravessou seu caminho, mas há demônios também, aquele menino de cara amarrada, o garçonzinho do restaurante.

Esse contato com o Olimpo e com o Hades revigora as forças humano-divinas da escritora, que faz apenas uma breve pausa na ilha, porque o seu roteiro passa por todos os mares e continentes, arrastando os personagens de sua história pessoal, de sua vida multifária de artista, do sonho divino e divinatório de sua arte.

E ela própria personagem encantada de sua ilha flutuante, em que vagueia pelo mundo de palavras mágicas, Linda nos lança o desafio de sua prosa primorosa, que os deuses tocaram, transformando-a em ponte por onde passamos todos nós para o deslumbramento lúdico e mítico de sua arte.

Lendo-a, descobrimos que sua Ilha é um continente planetário.

Ápio Campos²

PREFÁCIO PARA LINDANOR

Considerada gênero “menor”, a crônica começou a adquirir personalidade literária, no Brasil, a partir da última fase do romantismo. Cronistas na acepção moderna foram José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, França Júnior, que na segunda metade do século passado, no Rio de Janeiro, comentavam pelos jornais os acontecimentos do dia-a-dia, no mundo político, artístico, literário, social e mundano,

² Ápio Campos. Padre da Igreja Católica, fez os estudos secundários no Instituto Nossa Senhora de Nazaré, dos Irmãos Maristas, e cursou o Seminário Metropolitano Nossa Senhora da Conceição, concluindo Teologia em 1949. Foi ordenado padre aos 23 anos. Na vida eclesiástica foi elevado à categoria de Cônego. Devotado à literatura, à poesia, ao conto, ao ensaio, às crônicas e ao jornalismo. Foi professor titular da UFPA e coordenador do curso de Teologia da UNAMA, além de membro da APL. Em 1957, após vencer vários concursos literários da APL foi eleito para a cadeira que pertenceu a Manuel Barata.

em colunas despretensiosas, não porém despidas de elegância ou poesia; além de bom-humor.

Já então, a crônica não se confundia com o artigo de fundo, a reportagem jornalística, o conto, a novela ou a crítica literária. Mas seria com Machado de Assis, que a crônica iria adquirir “status” superior, servida pelo talento do prosador de A Semana, e pelas qualidades estilísticas do grande ficcionista.

De Machado de Assis aos nossos dias, a história da evolução da Crônica entre nós tem sido, pode-se dizer, uma história sem lacunas nem elos perdidos. Diferente de muitos outros gêneros literários, jamais deixou de ser praticada, tanto pelos bons poetas quanto pelos nossos grandes prosadores. Exemplos de Olavo Bilac, João do Rio, Coelho Netto, Medeiros e Albuquerque, Humberto de Campos etc., entre os antigos; Guilherme de Almeida, Menotti del Picchia, Álvaro Moreira... entre os modernos. Sem esquecer os moderníssimos: Henrique Pongetti, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Drumond, Carlos Heitor Cony...

Através dessa evolução, é obrigatório sublinhar a contribuição feminina, que se acusa desde os primeiros tempos. Lembrem-se os nomes de Júlia Lopes de Almeida ou Carmem Dolores, no pré-modernismo. Atualmente, ninguém desconhece o prestígio alcançado no campo da crônica por uma Rachel de Queirós, uma Helena Silveira, Mariazinha Congílio ou a saudosa Eneida. Esta última do Pará e que durante muitos anos, no Rio de Janeiro, assinando uma coluna diária no extinto “Diário de Notícias”, impôs-se, a meu ver, como a maior cronista do país, pelo encanto lírico de sua prosa, original e personalíssima.

É dessa família espiritual que faz parte esta outra paraense – a nossa querida Lindanor Celina. Artista de coração dividido, como o poeta maior da língua portuguesa, entre vários mundos, por onde passeia os seus espantos de viajante, em permanentes peregrinações, na esteira dos sentimentos humanos, escondidos nos gestos apenas adivinhados das pessoas – desconhecidas ou amigas –, ou da beleza das paisagens ou das coisas, às vezes vistas apenas de relance, no faiscar de uma concha brilhando perdida numa praia deserta, ou da espuma de uma onda, subitamente parada no espaço, no vaivém do mar... Lisboa... Barcelona,... Fortaleza,... Barcarena...

São esses sentimentos – belos porque humanos –, e essas paisagens fixadas na retina da saudade que informam as páginas deste novo livro de Lindanor. Ela no-lo traz de Paris, de onde chega para o banho rejuvenescedor que toda visita à casa paterna nos infunde. Casa que para Celina não é somente Belém do Pará, onde nasceu e para onde retorna sempre que pode. Mas São Paulo, onde também está um pedaço de sua vida; Jundiá, onde tem amigos; Rio de Janeiro, onde se reencontra; o Brasil, enfim, sua pátria, como a França, Portugal ou Grécia são seu universo profissional e cultural. E é o Brasil, em última análise, e sua terra natal, que emergem de sua prosa, neste Diário-Crônica em que a autora nos confessa os seus encontros e desencontros com as pessoas – crianças, homens, mulheres, velhos –, a natureza, flores e animais, em Atenas ou Bragança do Pará, em Skyros ou Ajuruteua – entre as Sereias clássicas e a Mãe-d’água

amazônica. Encontros, principalmente; e descobertas: nas surpresas reveladas pelo sabor de um novo prato da culinária até então desconhecida e típica do lugar visitado; no mimo singelo oferecido como lembrança, num gesto de simpatia inesperada por alguém cuja língua mal entendemos, mas cuja bondade não exige tradução. Surpresas que se expõem na amizade inocente e desinteressada dos ingênuos, dos puros, dos desvalidos: – um bêbado naufragado de outros mares, um pobre idiota que serve de bobo da aldeia, uma viúva que envelhece fiel ao marido que amou com devoção bíblica e morreu tão moço; um estrangeiro que nos abre a sua casa como irmão, com a mesma hospitalidade de um patriarca do Velho Testamento...

Tudo isso vivenciado por Lindanor em suas andanças por outras terras, outros quintais, outros jardins, outras vinhas e pomares, aldeias e hotéis, feiras e praças, num turismo muito mais do espírito do que do lazer corporal.

Turismo do espírito, digo, porque é desse cotidiano que a cronista vai extrair a sua mensagem estética, que nos transmite com emoção poética, própria dos que amam a vida e querem nos comunicar esse amor, com alegria, bem-humoradamente, liricamente.

.....

Romancista de largos méritos (e aí está o seu Afonso Contínuo, Santo do Altar a confirmá-lo), Lindanor Celina prova com as presentes crônicas que, em Letras, não há gênero menor. O que há, de fato, são autores menores, os quais, por mancos de talento e paixão nunca se tornam grandes, por mais que versem os gêneros maiores. Trabalhada por Celina, a crônica nacional se torna tão maior como qualquer das outras modalidades literárias, pois se os fatos que inspiraram estas páginas possam ser transitórios, o que deles resultou em livro tem o gosto da perenidade das coisas belamente feitas.

Adelino Brandão³

³ Adelino Brandão. Paraense radicado em São Paulo, escreveu e publicou dezenas de livros, além de artigos, ensaios e trabalhos jurídicos, muitos premiados no Brasil e no exterior. Reconhecido nacionalmente por suas publicações sobre a vida e a obra de Euclides da Cunha, o escritor também era advogado, pedagogo, economista, jornalista, folclorista e professor de sociologia. Entre os prêmios que recebeu pelos seus livros, destacam-se os da Academia Brasileira de Letras, Grandes Educadores do Brasil, Ministério da Educação, Instituto Nacional do Livro, da Fundação Nacional do Livro, Goethe-Lufthansa, Eppo/Jornal de Letras e da Secretaria de Cultura de São Paulo.